

ENTRE RASTROS E VESTÍGIOS: A ESCRITA DE ESPERANÇA GARCIA CONTRA AS POLÍTICAS DE OCULTAMENTO

AMONGST TRACES AND VESTIGES: ESPERANÇA GARCIA'S WRITING AGAINST POLICIES OF CONCEALMENT

Jônata Alisson Ribeiro de Oliveira*

Larissa Silva Pereira**

RESUMO: Objetiva-se empreender uma interpretação da Carta de Esperança Garcia (1770) sobre a relevância da escrita de mulheres negras contra políticas de ocultamento. Tem-se como resultado de análise o entendimento de como suas identidades, por exemplo, padrão de fragilidade e submissão, foram estruturadas sob a perspectiva de outros pontos de vistas. Em contrapartida, escritoras negras, como Sônia Rosa (2012) e Jarid Arraes (2017), se apropriam da Carta para narrar versões ressignificadas da História. Nesses termos, elas propõem, desde suas produções literárias, novos signos positivos de identidade negra feminina a partir de outras leituras e interpretações desse importante rastro/vestigio historiográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e História; Ocultamento; Rastro/vestigio

ABSTRACT: This study aims to undertake an interpretation of Esperança Garcia's letter (1770) on the relevance of the writing of black women against policies of concealment. Through analysis we have, as a result, the understanding of how their identities, such as the pattern of submission and fragility, were structured from the perspective of other points of view. In contrast, black women writers, such as Sônia Rosa (2012) and

* Graduado em Letras - Língua Portuguesa/Literatura brasileira e portuguesa (2013) e Mestrado em Letras (2016), ambas titulações obtidas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Africanidades e Cultura Afro-Brasileira pela Universidade Anhanguera (UNIDERP). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura negra das Américas, pesquisando, principalmente, identidade, gênero e decolonialidade. Membro do Grupo de Pesquisa em Ciências Humanas e Linguagens no Cerrado – GPCHLC; integrante do Grupo de estudo Teseu, o labirinto e seu nome, vigente na Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: jonata-oliveira@hotmail.com.br.

** Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Especialista em Educação Especial pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). E-mail: larissa-pereiranjr@gmail.com.

Jarid Arraes (2017), appropriate the letter to narrate resignified versions of history. Therefore, the writers propose, from their literary productions, new positive signs of black female identity from other readings and interpretations of this important historiographical trace/vestige.

KEYWORDS: Literature and History; the Letter of Esperança Garcia; Concealment; Trace/Vestige

*É por isso que Esperança
Na História se mantém
Porque teve essa coragem
E porque foi muito além
Não ficou só em silêncio
E mostrou que era alguém.
(ARRAES, 2017, p. 60)*

INTRODUÇÃO

A escrita de mulheres esteve sujeita, por muito tempo, a políticas de ocultamento que resultou em perdas irremediáveis, levando ao paradoxo de presença e ausência em diversas áreas do conhecimento, como na história e na literatura. Diante disso, pensa-se na importância de vozes narrativas femininas, na qualidade de mulher negra e testemunha, lançarem mão de uma nova escrita de sua história¹. As mulheres negras tiveram dificuldades de falarem de suas resistências e participações em situações públicas, em virtude de seu apagamento. No entanto, suas experiências deduzem distintas perspectivas, permitindo a (re)construção de uma história negra feminina na situação de presenciadora/ausente/silenciada que testemunha mediante cartas e outros tipos semióticos de textos.

Ora exclusas, ora vítimas, as mulheres estiveram vinculadas ao sistema patriarcal, o que explica uma larga fase de invisibilidade. Quando não totalmente obliteradas, é possível destacar sua própria inclusão dentro de um ponto de vista analítico androcêntrico, pois se entendia que ao falar dos homens elas estavam da mesma forma contempladas (DAUPHIN *et al.*, 2001). Entre as esferas sociais existem um conjunto de estereótipos que foram estabelecidos no imaginário social pelo patriarcado e as raízes dessa problemática são antigas e profundas. O patriarcalismo articulado com o racismo tem se naturalizado e reverberado nas historiografias da cultura, do antirracismo e do feminismo², reordenando a história a partir

¹ A pesquisa sobre “gênero” surgiu na década de 1960. Temas sobre mulheres e questões de gênero começaram a ser observadas pelas diversas áreas do saber como a história, a literatura, a linguística, a antropologia, a filosofia, as ciências sociais, entre outras.

² As mulheres negras, ao enfatizarem que existe uma variação de identidades femininas e de atitudes políticas a elas ligadas, evidenciam o fato de que ao sugerirem uma unificação entre as mulheres contra a opressão do patriarcalismo na sociedade, as mulheres brancas negligenciam outras mulheres, isto é, quando são subordinadas em uma determinada ocasião social, simultaneamente, oprimem mulheres negras e outras mulheres de níveis sociais inferiores (BAIRROS, 1991).

dos interesses dos homens e das mulheres brancas, sendo, pois, preciso repensar o lugar das mulheres negras dentro e fora desses domínios, destacando suas influências para a constituição da diáspora negra (WERNECK, 2010).

Não é novidade que algumas das principais narrativas da literatura nacional brasileira foram produzidas de forma a reduzir as mulheres negras em meras personagens estereotipadas, representadas como sedutoras e empregadas domésticas da casa do homem e da mulher branca. Os vários tipos criados, embora explorados nas literaturas ditas “engajadas”, principalmente no contexto do romantismo e do realismo nacional, são produtos de uma visão masculina e branca, de um ponto de vista que mais parece reduzir deliberadamente tais sujeitas, circunscrevendo-as em uma via de mão única.

Em contrapartida, existe uma autoria negra feminina engajada no sentido de romper com essas representações negativas. De Esperança Garcia, no século XVIII, à Conceição Evaristo, na atualidade, essas autorias trilharam um caminho de inclusão, pertencimento e militância contra ocultamentos e opressões interseccionadas. Diante disso, o objetivo principal dessa pesquisa consiste em compreender de que forma a Carta de Esperança Garcia (1770) combate estereótipos e políticas de ocultamento e, também, como escritoras contemporâneas, dentre as quais Sônia Rosa (2012) e Jarid Arraes (2017), se apropriam desse importante rastro/ vestígio histórico para dar a ele, através de suas matérias poéticas, novos entendimentos sobre a história da mulher negra, potencializando a reconstrução de sua identidade desde um lugar presente.

UMA HEROÍNA NEGRA PIAUIENSE

É possível encontrar pistas de lideranças femininas negras que ocuparam comandos de articulação econômica ou política de resistência no passado colonial (WERNECK, 2010). Um exemplo disso é que, no período colonial, os quilombos se destacaram por funcionar como abrigo para fugidos, porém, deixa-se no esquecimento a importância das mulheres negras para o funcionamento dessas comunidades. Quando se fala em líderes de quilombos, a referência é sempre dada aos homens negros como o de Zumbi, também conhecido por Zumbi dos Palmares. Poucas pessoas conhecem sua companheira, Dandara, uma mulher negra que ocupou cargo de prestígio em Palmares e só atualmente é reconhecida como uma heroína na história. Os quilombos eram “territórios livres para aquelas e aqueles que lograram escapar do regime escravocrata, ocupando muitas vezes regiões de difícil acesso aos soldados e representantes do estado colonial” (WERNECK, 2010, p. 158). O quilombo que mais se destacou em território nacional foi o de Palmares, localizado no atual estado de Alagoas. Chegou a possuir 20 mil habitantes no seu ápice, liderando diversas revoltas e fornecendo abrigo para os escravizados fugitivos.

O cenário opressor pela qual as mulheres negras estavam sujeitas no período escravocrata brasileiro revela não só situações de submissão a esse regime tal qual dita a História, mas também de resistência. Elas colaboraram, junto aos homens negros nas organizações de resistência, lutas individuais e coletivas que, de acordo com Jurema Werneck (2010, p. 157), “marcaram a história do país e deram uma feição especial a todo o século XIX”. Participando em diferentes posições, conseguiam informações sobre vendas indesejadas, ajudavam em fugas, disponibilizavam suprimentos, promoviam rebeliões nos navios negreiros, além de preservar a cultura e as religiões por meio das histórias passadas de geração a geração mediante a oralidade (GOMES; PAIXÃO, 2008).

Esperança Garcia constitui exemplo dessa política de resistência e construção identitária. Ela viveu na região de Oeiras, na fazenda de Algodões, situada a cerca de 300 km de Teresina, capital do Piauí, no nordeste brasileiro. Rastros do seu passado são encontrados a partir de uma carta escrita em pleno século XVIII; ou seja, tudo o que se sabe sobre Garcia está contido nesse documento resgatado no acervo dos arquivos públicos do Piauí pelo historiador Luiz Mott. Tal descoberta arquivista estava catalogada em uma única página escrita à mão com vários “garranchos” e erros de caligrafia, tornando-se um dos documentos mais antigos de petição de uma negra escravizada a uma autoridade (MOTT, 2010).

Eu Sou hua escrava de V.S dadministração do Cap.am Anto° Vieira de Couto, cazada. Desde que o Cap.am p^a Lá foi administrar, q. me tirou da fazd^a dos algodois, onde vevia co meu marido, para ser cozinheira da sua caza, onde nella passo mto mal.

A primeira hé q. há grandes trovoadas de pancadas enhum Filho meu sendo huã criança q lhe fez extrair sangue pella boca, em min não poço explicar q Sou hu colcham de pancadas, tanto q cahy huã vez do Sobrado abacho peiada; por mezericordia de Ds esCapei.

A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres annos. E huã criança minha e duas mais por Batizar.

Pello ã Peço a V.S pello amor de Ds. e do Seu Valimto ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Porcurador que mande p. a Fazda aonde elle me tirou pa eu viver com meu marido e Batizar minha filha.

De V.Sa. sua escrava
Esperança Garcia³

³ “Eu sou uma escrava de V. S^a. Administração de Capitão Antonio Vieira de Couto, casada. Desde que o Capitão lá foi administrar, que me tirou da Fazenda dos Algodões, onde vivia com meu marido, para ser cozinheira de sua casa, onde nela passo muito mal. A primeira é que há grandes trovadas de pancadas em um filho meu, sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca; em mim não posso explicar que sou uma colcha de pancadas, tanto que cai uma vez do sobrado abaixo, peada, por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar a três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Pelo que peço a V. S^a, pelo amor de Deus e do seu valimento, ponha aos olhos em mim, ordenando ao Procurador que mande para a fazenda onde ele me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha. De V. S^a, sua escrava, Esperança Garcia”. Tradução de Pinho Osmundo. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/196229620/E-nao-sou-uma-mulher>. Acesso em: 25 set. 2021.

Assim, a Carta causou surpresa por duas razões: i) pelo fato de uma mulher negra se dirigir a uma autoridade e (ii) porque a habilidade de escrita se restringia a um pequeno grupo, composto predominantemente por homens de influência e poder aquisitivo, levando os pesquisadores a trazer suposições de como essa alfabetização aconteceu (MOTT, 2010). Portanto, a Carta fortalece uma área de pesquisa sobre a sociedade escravista referente aos estudos da memória do sujeito negro, especialmente, mulheres negras escravizadas (SOUZA, 2016).

A petição escrita por Esperança Garcia e endereçada ao Governador da província reivindicava uma situação mínima de humanidade. Esse ato de rebeldia se justifica, primeiramente, pelo tratamento violento dado pelo feitor a ela e sua criança. Além do inconformismo gerado pela migração forçada, visto que antes residia com seu marido e filhos na “fazd^a dos algodois”, era obrigada a conviver com os constantes castigos na nova casa. “Trovoadas de pancadas” e “colcham de pancadas” são metáforas usadas por Garcia para descrever as brutalizações físicas e psicológicas sofridas (SOUZA, 2016). Os castigos consistiam em um ritual de adestramento de sujeitas negras para lembrá-las das obrigações de subserviência. De acordo com bell hooks⁴ (2014), desde o navio negreiro, as mulheres negras já eram alvos fáceis e acabados para qualquer colonizador branco autorizado a adotar o abuso físico e torturá-las. Retiradas dos países da África para serem escravizadas nas Américas, as torturas físicas e psicológicas permaneceram em outros lugares após a travessia, como no interior dos engenhos, casas grandes, senzalas, plantações e prisões. Nesse sentido, a autora da Carta representa essa imagem imprópria e inventada por uma ordem racista e sexista que buscava na mulher negra a figura de serva que atendia de modo humilhante as ordens dos colonizadores brancos.

No discurso de Garcia (1770) é possível perceber dois polos extremos e hierárquicos presentes no contexto da colonização piauiense, ou seja, existe um desvelamento da categoria do não humano em contraste com a do humano estabelecido à época por um entendimento eurocêntrico. Essa hierarquia constitui parte de processos de imposições e serviu como ferramenta normativa para condenar mulheres negras colonizadas por não serem consideradas humanas, mas seres sem razão, deformações do macho ou aberrações da perfeição masculina (LUGONES, 2014). Portanto, a figura do capitão Antônio Vieira de Couto representa o lado do humano, do colonizador assalariado, configurando-se como um eixo de poder e violência. O lugar da mulher negra, personificada em Garcia, constitui o outro polo, o mais subalterno das hierarquias, onde sua imagem subvalorizada representa o “não sujeito” ou o “outro” do branco colonizador. Assim, a função de escravizada doméstica – cozinheira da casa do capitão – diz muito sobre o lugar de “não sujeito” ocupado por Esperança Garcia.

É importante salientar que a categoria do outro é sofisticada quando mulheres, que não são brancas e nem homens, ocupam um lugar difícil na sociedade por serem contradições da branquitude e da masculinidade (RIBEIRO, 2017). Ela não é conhecida como uma personagem

⁴ Assinalado com iniciais minúsculas por escolha da autora, bell hooks é pseudônimo da feminista e ativista social estadunidense Gloria Jean Watkins.

da história apenas por ser o “outro” do homem e do branco, uma vez que a sociedade é concebida tanto pelo sexismo quanto pelo racismo (KILOMBA, 2012). A mulher sempre “é” diante do homem o “outro” e, de acordo com essa noção, ela é inventada dentro de uma função de submissão e poder na presença do homem, diferenciando-se em relação a este e não o contrário (BEAUVOIR, 2009). Nesse sentido, Esperança Garcia expõe uma dominação masculina personificada na figura de Antônio Vieira de Couto. Seu discurso desvela relações de dominação e de resistência quando se apropria de um modelo de petição e escreve ao Governador com o fim de reivindicar direitos e denunciar ordens racistas e sexistas. Percebe-se, desde o seu lugar de mulher negra e escravizada, um enfrentamento de ideologias/relações patriarcais, visto que retoma na Carta histórias de vivências e resistências de outras mulheres negras que como ela foram também subjugadas pelo feitor na nova fazenda. A narração subversiva aponta para um inconformismo e recusa em ser “não sujeito” ou o “outro” do homem branco colonizador.

Acredita-se, também, que a ênfase dada por Garcia à questão da religiosidade configura-se como situação de resistência. Não cabe discutir se ela era ou não cristã, mas analisar a possibilidade de apropriação da religião católica como justificativa para se libertar das violências do seu torturador e voltar a viver com seu marido e filhos na antiga fazenda. Essa hipótese abre uma possibilidade de interpretação pelo viés da dissimulação. Diversos homens e mulheres negras colonizadas dissimulavam obediências teatralizando gestos e repetindo orações com intenção de sobrevivência; em outras palavras, a dissimulação era apenas mais uma ferramenta de resistência contra a dominação colonial (OLIVEIRA, 2016). Interpreta-se, portanto, que existe um mecanismo político de fingimento adotado por Esperança Garcia se se pensar que, na Carta, o argumento ou pretexto da “obediência” a importantes práticas doutrinárias católicas – como confissão quando esta descreve “[...] estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres anos” e batismo quando, enfim, destaca “E huã criança minha e duas mais por Batizar” – seriam, mais do que as denúncias dos maus tratos, bases fortes de convencimento diante das autoridades da província.

Esperança Garcia, pelo desejo de libertação, reprova a ordem colonial de maneira insistente simulando/dissimulando comportamentos e práticas religiosas hegemônicas. Ela tinha consciência das fortes influências do cristianismo no meio social e, por isso, interpreta-se que ela se utiliza da dissimulação como prática transgressora. Tal estratégia a revela como uma sujeita identitária e política capaz de interpretar suas próprias experiências de opressões interseccionadas – afinal, era mulher, pobre, negra e escravizada. Torna-se, então, visível em sua narrativa uma consciência política dos prejuízos trazidos pelo racismo e sexismo nas vivências cotidianas de homens e, principalmente, mulheres negras escravizadas.

A CARTA DE ESPERANÇA GARCIA RESSIGNIFICADA NA MATÉRIA POÉTICA DE DUAS ESCRITORAS NEGRAS BRASILEIRAS

Existe uma ausência de registros que tornam mulheres negras históricas como Esperança Garcia desconhecidas no imaginário social. Antes, quando algum registro estava tratando de algo que relacione um interesse feminino, geralmente um homem era quem gerenciava os processos (MOTT, 2010). Durante muitos anos, foi rejeitada às mulheres a independência e a subjetividade imprescindível à criação, resultado da manipulação, do domínio da palavra e da escrita por parte dos homens; isso apresentou, como consequência, a oficialização de uma minoria social que gerou, determinou e delimitou os instrumentos do pensar, proibindo as mulheres os seus direitos básicos na sociedade, finalidade de um patriarcado que criava e reproduzia uma memória intolerante, dura e conservadora (TILLY, 1994). O regime de autoridade patriarcal impedia a prática de escrita feminina. Por exemplo, a mulher, por consentimento estratégico de seus pais, era mantida distante das letras para impedi-la de escrever para seus parceiros (MOTT, 2014). Surge, então, o silêncio na história como uma particularidade feminina, que estabelecia parte do aparente mistério característico da mulher, tornando-se, portanto, necessário revisar seu lugar e refletir sobre esses silêncios (TILLY, 1994).

Salientando-se a existência de escassez de fontes (de vestígios) para o resgate da história das mulheres negras que sobreviveram no período colonial, as raras “pistas” encontradas – como o exemplo do relato deixado por Garcia – remete a um conceito de “rastros/vestígio” (BERND, 2013) que pode ajudar na compreensão e reconhecimento da importância do resgate de memórias esquecidas por ideologias dominantes. O conceito de “vestígio ou rastro”, então, se estabelece como a presença de uma ausência ligada à presença de resquícios das ações do passado no presente (BERND, 2013). Esse tipo de memória mostra uma maneira de comunicar-se com o passado e evidencia um processo de características omissas, cuja ocupação se torna viável através da manifestação de vestígios⁵ que, por sua vez, fazem parte da essência dos rastros, pistas, traços, lançados de modo aleatório e inconsciente, mas carregados de informações que possibilita divulgar novas interpretações, trazendo uma fração do passado que não tinha a finalidade de ser revelada (BERND, 2013).

Diante desse ponto de vista, cada fragmento possivelmente possui rastros do que existiu, ou continua existindo, e nesse sentido, o “rastros/vestígio” deixado por Esperança Garcia, mesmo sendo apenas uma carta de uma folha escrita a punho, apresenta-se como um importante registro voltado para a necessidade de se discutir políticas do passado repaginadas nos tempos do agora⁶. O documento escrito direciona para um novo olhar que foi sendo criado no

⁵ Os “vestígios” podem ser cânticos, práticas religiosas, ditados populares, cartas, testamentos, gravuras, livros, documentos ou conflitos deixados por um episódio marcante (BERND, 2013).

⁶ Embora as tentativas dos opressores de não deixar vestígios de seus atos, das constantes tentativas de ocultamento dos rastros, muitos fragmentos dessas histórias também puderam ser recuperados graças a vestígios que ficaram guardados na memória das vítimas que foram recompondo mediante a oralidade o “grande quebra cabeça da destruição” (BERND, 2013, p.17).

final do século XX, e contribui para a elaboração de pesquisas que fazem uso de novas fontes, como os testamentos, registros de nascimento, batismo e casamento das paróquias, trazendo as narrativas sobre as maneiras de sociabilidade da população negra (COSTA, 2012).

De acordo com Jeanne Gagnebin (2012), buscar rastros deixados por personagens silenciadas significa ouvir vozes sufocadas por regimes políticos totalitários, criados por sociedades e governos opressores; significa lembrar as desigualdades e narrar crueldades para assim escrever uma nova página para o futuro. Para a pesquisadora, a rememoração tira o passado do perigo do esquecimento, é ela quem o salva porque dá sequência não só a sua conservação, mas lhe concede uma posição certa no presente, propiciando o luto e a continuação da existência. Tal pressuposto, ainda para Gagnebin (2012), mostra que a história só existe porque há alguém a lembrar-se dela a partir de interpretações de algo que recorda ou vivenciou. O encargo do pesquisador teria de ser a de reconstruir o passado com base nos fragmentos, nos traços, nos vestígios encontrados no presente para construir um futuro; em outras palavras, uma perspectiva que busca os rastros aponta para uma compreensão de algo que foi destruído se vincule com a percepção do que é necessário construir (GAGNEBIN, 2012). Portanto, a noção de “rastro” caracteriza um paradoxo visto que se configura como “a ausência de uma presença e a presença de uma ausência”, além de ser “sempre ameaçado de ser apagado ou de não ser mais reconhecido como signo de algo que assinala” (GAGNEBIN, 2012, p.27).

Zilá Bernd (2013) traz uma possibilidade de estudo de questões de memória existente na literatura das Américas através de resquícios que pertencem à estética do texto, ou seja, por meio da literatura, os vestígios são resgatados, reconstituídos e ressignificados, oferecendo à memória um lugar de suma importância nessa busca de rastros da história, onde a questão do recordar e esquecer mostra-se constante. Entre memórias e ocultamentos, o que resta são os vestígios, os fragmentos vivenciados. Para Bernd (2013, p. 53), “sempre sobra algum rastro que a sensibilidade dos escritores consegue retrair e incorporar à matéria poética. Desse modo, se nossa memória é um receptáculo de resíduos memoriais, a literatura também o é”. De acordo com a pesquisadora, buscar a recuperação de imagens, traços, vestígios, marcas esquecidas ou perdidas através da literatura, é reconstruir as representações destes espaços, possibilitando o acesso a informações que revelam além da simples aparência, pois a literatura descortina emoções, sentimentos, permitindo que o leitor se transporte para o cenário da narrativa e, conseqüentemente, vivencie a trama dos acontecimentos e os seus respectivos desdobramentos.

É nesse sentido que autoras negras brasileiras recuperam histórias de mulheres negras a partir de novas significações dos “rastros/vestígios”, resultando em novas estéticas criadas. Foi a partir de vestígios da Carta que Sônia Rosa escreveu um livro de conto infantil intitulado *Quando a Escrava Esperança Garcia Escreveu uma Carta* (2012). A escritora carioca é autora de diversos livros com temática afro-brasileira voltada para as crianças, dentre eles: *O menino Nito* (2002), *Feijoada* (2005) e *Capoeira* (2004). O seu interesse pela Carta surgiu enquanto realizava

pesquisas sobre sujeitos escravizados que escreveram cartas e, nessa procura, deparou-se com a história de Esperança Garcia. As imagens, didáticas e coloridas, e o texto adaptado interpretam as acusações e punições que estava submetida ela, filha e companheiras de oito, bem como a forma injusta e forçada a que foi distanciada de sua família. A autoridade poética de Rosa, expressa pela escrita, traz um novo olhar sobre a vida da personagem real-ficcional do livro.

Em *Quando a Escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012) existe uma estratégia da narrativa em primeira pessoa, que se destaca por seus aspectos subjetivos e emocionais, consistindo em uma forma de diálogo entre personagem e leitor, além de despontar para a parcialidade de uma narrativa que propõe ao leitor uma liberdade de interpretação crítica do texto narrado (KURY, 2017). Sônia Rosa busca tornar a história de Garcia conhecida nacionalmente, proporcionando o início de um tipo de leitura inesgotável pela perspectiva da memória e da cultura, visto que o texto aborda não só a voz de uma escravizada, mas vozes que ressonam e transmite aos leitores seus encantamentos, memórias e culturas (DEBUS; DEBUS, 2018).

Jarid Arraes também busca reconstruir no presente através dos *rastros* uma literatura negra que rememora a história dessa personagem. Em *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis* (2017) narram-se histórias de mulheres que lutaram contra regimes coloniais e neocoloniais, estes instituidores e propagadores de ordens raciais e de gênero. As histórias de cada heroína são memórias de mulheres que participaram de lutas em uma época em que lhes eram negadas o direito à fala. O cordel dedicado a Esperança Garcia mostra informações obtidas por meio de sua Carta, enfatizando valentia e inconformismo. Na ilustração que antecede o cordel aparece um desenho de Esperança Garcia; ao fundo, uma carta, gênero textual utilizado para protestar a situação opressora vivenciada (NASCIMENTO, 2018). A escrita de Garcia continua aguçando a curiosidade de intelectuais do país, constituindo um importante vestígio que coloca em evidência a alfabetização da mulher negra dentro de um período obscuro da história. Além disso, a carta é a única prova da existência dessa personagem histórica e literária, tornando-se símbolo de resistência contra as políticas de ocultamento.

É por isso que Esperança
Na História se mantém
Porque teve essa coragem
E porque foi muito além
Não ficou só em silêncio
E mostrou que era alguém.
(ARRAES, 2017, p. 61)

Em inúmeras obras literárias personagens negras são colocadas em posições inferiores aos brancos. Porém, produções como as de Sônia Rosa e Jarid Arraes quebram esse paradigma, pois, em contrapelo aos padrões de fragilidade e submissão, denunciam injustiças sociais e humanizam a figura do negro através de signos positivos de identidade. Trata-se, portanto,

segundo Lima e Souza (2013), de obras infantis e infanto-juvenis que possibilitam a criança o acesso às leituras que possam contribuir para sua formação crítica. É importante ressaltar que em muitos casos os livros didáticos são a única forma de acesso de crianças e adolescentes à literatura, contudo, a maioria desses materiais não prioriza literatura negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se ser a literatura um poderoso espaço de apropriações e reapropriações de memórias e identidades negras insuladas. Compreende-se que o resgate do passado histórico da mulher negra constitui interesse de escritoras negras das Américas que se apropriam dos escassos vestígios historiográficos para conceder-lhes novas interpretações (BERND, 2013). Apoiando-se numa escrita com finalidade política, essas escritoras tentam ressignificar, desde os “rastros/vestígios”, histórias de heroínas negras que sofreram opressões interseccionais desde o período escravocrata, narrando outras versões ocultadas da história. Em outras palavras, elas mobilizam uma perspectiva não hegemônica, na qual suas escritas, enquanto exercício político praticado desde seus lugares de fala, sugerem: i) novas possibilidades de interpretar um passado interdito; ii) são poderosas ferramentas que denunciam modos de violência do colonialismo e, acrescenta-se, da colonialidade; e iii) desconstruem histórias discriminadas pelo racismo e sexismo do poder patriarcal (OLIVEIRA, 2016).

Assim, a Carta de Esperança Garcia constitui um fragmento simbólico cujo conteúdo demonstra algo que foi experienciado e, por isso, refeito através de construções literárias de escritoras negras como Sônia Rosa e Jarid Arraes. Dada a importância do texto e datação da escrita, que é de 1770, existe uma possibilidade de enquadrar a Carta como um dos documentos precursores da literatura negra brasileira visto que, segundo Elio Sousa (2016), a precursividade da Carta anuncia uma estilística feminina pelo tom reivindicatório. Nesse sentido, a literatura opera como uma fonte de rastros memoriais, isto é, o ser humano carrega consigo a capacidade de ter reminiscências, procurando na lembrança do passado sua reconstrução no presente; ela também se encarrega de um espaço importante na memória, pois “pode penetrar nas falhas e desvios da história e da memória”, na “tentativa de colmatar os não-ditos da história” (BERND, 2013, p. 47).

É nesse sentido que memória e identidade se unem e se completam mutuamente, alicerçam-se uma na outra para originar uma trajetória de vida, uma história, uma narrativa.

REFERÊNCIAS

ARRAES, J. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

BAIROS, L. Mulher negra: o reforço da subordinação. In: LOVELL, P. (Org.). **Desigualdade racial no Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1991.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERND, Z. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

COSTA, F. R. da. A carta de Esperança Garcia e os usos da memória da escravidão para a construção da identidade negra piauiense. In: III **Seminário Internacional História e Historiografia. X Seminário de Pesquisa do Departamento de História. Anais eletrônicos...** Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42772/1/2012_eve_frcosta.pdf. Acesso em: 18 set. 2021.

DAUPHIN, C.; *et al.* A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. **Revista Gênero**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 2. sem. 2001.

DEBUS, E.; DEBUS, J. C. A escrita de Esperança Garcia, eco das vozes de mulheres negras escravizadas. **Literafro**. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/infanto-juvenil/1148-sonia-rosa-quando-a-escrava-esperanca-garcia-escreveu-uma-carta>. Acesso em: 11 out. 2021.

GAGNEBIN, J. Apagar os rastros, Recolher os restos. In: SEDLMAYER, S.; GINZBURG, J. (Orgs.). **Walter Benjamin: Rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, F.; PAIXÃO, M. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 949-964, set./dez. 2008.

HOOKS, B. **Não sou eu uma mulher**: Mulheres negras e feminismo. Lisboa: Plataforma Gueto, 2014.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KURY, M. M. B. **Narrativas em primeira pessoa**: um estudo comparativo de Dom Casmurro, São Bernardo e A Hora da Estrela. 2017. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LIMA, A. de B.; SILVA, F. C. da. A importância da literatura infantil afro-brasileira e africana no ensino fundamental do SESC – Petrolina/PE. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 02, n. 02, p. 104-131, set./dez. 2013.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MOTT, L. **Piauí colonial**: população, economia e sociedade. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.

NASCIMENTO, L. S. **Autoras periféricas em mídias alternativas**. 2018. Tese (Doutorado) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

OLIVEIRA, J. A. R. de. **A resistência ao olho do poder**: rastro, gênero e colonialidade no romance Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem, de Maryse Condé. 2016 Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais, Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSA, S. **Capoeira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

ROSA, S. **Feijoada**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

ROSA, S. **O menino Nito... então homem não chora**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

ROSA, S. **Quando a escrava Esperança escreveu uma carta**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

SOIHET, R. A Pedagogia da Conquista do Espaço Público pelas Mulheres e a Militância Feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 97-117, nov./dez. 2000.

SOUSA, E. F. de. A carta de “Esperança García” de Nazaré do Piauí: uma narrativa de testemunho precursora da literatura afrobrasileira. **Literafro**: portal de Literatura Afro-Brasileira, n. 20, jun./jul. 2016. Disponível em: <http://150.164.100.248/literafro/data1/artigos/artigoelioferreirasobreesperancagarcia.pdf>. Acesso em: 18 de out. 2021.

TILLY, L. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p.29-62, 1994.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1; p. 8-17, mar./jun. 2010. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/20/22>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Recebido para publicação em: 10 set. 2021.

Aceito para publicação em: 14 dez. 2021.